

REGIÃO

CALÇADOS/ Setor abriu 4,5 mil vagas no ano passado e as demissões foram poucas; mercado está favorecido principalmente pelas exportações

Couromoda faz produção crescer 20%

Lecio Jr.

MARIVAL SÉRGIO CORRÊA



BIRIGUI/ Evento serviu para fechar bons negócios e para troca de informações

A 27ª edição da Couromoda, encerrada sexta-feira em São Paulo, deverá aquecer as linhas de produção das fábricas da região de Araçatuba em até 20%. Esta é a estimativa prévia dos calçadistas que participaram da feira, considerada a maior da América do Sul. Quinze empresários de Birigui e Penápolis foram este ano para a Couromoda.

O valor total das vendas do evento foi 20% maior do que em 99, ultrapassando a marca dos R\$ 4 bilhões. O número de visitantes aumentou, saltando de 42 mil para 47 mil. Ao todo, foram 1.071 compradores e visitantes estrangeiros, vindos principalmente da América do Sul e Estados Unidos.

Além de alavancar negócios, a feira aquece também a geração de empregos. Segundo dados do Sindicato das Indústrias de Calçados de Birigui, somente no ano passado o setor abriu 4,5 mil novas vagas e foi um dos poucos a não fazer demissões.

O auxiliar de marketing da Bical, de Birigui, Eduardo Henrique Rizzo, disse que a Couromoda marca uma nova fase na empresa. "Nossos índices em 99 ficaram abaixo das estimativas iniciais. Mas voltamos da capital com ânimo renovado, principalmente porque vamos incrementar a produção em 20% gra-

ças aos pedidos que recebemos", afirmou. Um desses pedidos foi feito por um cliente de Los Angeles, EUA. De acordo com Rizzo, trata-se de um lote da linha de produtos licenciados, a Looney Toones (também na versão "baby"). O número total de pares não foi revelado.

Outra fábrica de Birigui, a Kidy, que também preferiu não detalhar o volume negociado, tem boas expectativas para o futuro. "A receptividade foi muito boa e o evento acabou por confirmar sua tendência de ser mais que um local para fechamento de negócios, e sim ponto para troca de informações e tecnologia", comentou o gerente de marketing da fábrica, Alex Sandro Barbará.

O principal cliente externo, segundo Barbará, continua sendo a América Latina. Dos 2,5 milhões de pares que Birigui produziu no ano passado, 7% foram exportados para países vizinhos, especialmente Argentina.

O Sebrae (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo), confirma a performance positiva. De acordo com o gerente regional, Sérgio Pinheiro de Abreu, 20 empresas ocuparam o espaço do Sebrae no Anhembi durante a Couromoda. O Sebrae atraiu fábricas de Birigui, Penápolis, Franca, Bauri, Santa Cruz do Rio Pardo e São Lourenço da Serra, que expuseram calçados, acessórios de

moda, confecções e produtos para equipar lojas.

O proprietário da Max-Lev, de Franca, Antônio Marcondes, já faz planos para os próximos 11 meses. Ele pretende quase dobrar sua produção anual, passando de 120 mil pares (em 99) para mais de 200 mil neste ano.

BONS NEGÓCIOS - Para o presidente da feira, Francisco Santos, a Couromoda serviu para amenizar a crise comercial com a Argentina, que criou restrições aos produtos brasileiros. "A Couromoda 2000 consolidou o mercado externo e, praticamente, resolveu os problemas pendentes com o Mercosul", acrescentou. Santos considera esta edição da feira "a melhor realizada nos últimos cinco anos" e acredita o desempenho a reação da economia nacional no final de 99. "A possibilidade de reacendimento das exportações motivou os calçadistas, que projetam para este ano um aumento de 20% nas vendas externas". Novos mercados estão surgindo, entre eles Europa e países árabes.

Segundo o consultor de empresas de varejo, Airton Manoel Dias, especialista no setor, a edição 2000 foi marcada pela "consistência de lançamentos". "As coleções propostas seguem estilos diferentes, mas numa mesma direção de moda, dando aos lojistas maior segurança para as compras", analisou.

ECONOMIA

Sexta-feira, 3 de março de 2000 ■ 3

Folha da Região

BIRIGÜI

TRABALHO/ O setor calçadista de Birigüi registrou crescimento de pelo menos 20% das vendas nos dois primeiros meses deste ano

Indústria produz mais e volta a contratar

Associação articula exportação

A exportação de calçados também deve ajudar a aquecer as vendas do setor nos próximos meses. A Associação de Pequenos e Médios Exportadores de Birigüi espera realizar primeira exportação até início do segundo semestre. A intenção é vender aproximadamente 70 mil pares por mês de calçados para os mercados argentino, uruguaio, chileno, venezuelano e colombiano.

Na semana passada, as onze empresas que formam a associação fizeram contato com um representante do setor na Argentina. Ele já levou amostras e catálogos dos produtos birigüenses para aquele país e vai pesquisar aceitação de preço e qualidade. As empresas também estão em fase de negociação com representantes do Chile e Venezuela.

Apesar dos calçadistas de Birigüi considerarem pequena a cota de exportação imposta pela Argentina, que prevê limite de 4,4 milhões de pares para o primeiro semestre deste ano, o objetivo é atingir outros países latino-americanos. "Sabemos que não será fácil, mas temos que tentar ampliar o mercado" disse o gerente da Associação, Naurberto Vedovato.

De acordo com o Sindicato das Indústrias do Calçado de Birigüi, as 194 empresas de calçados da cidade produzem 80 mil pares/dia. Por ano, são exportados 3,9 milhões de pares para a Argentina, totalizando um movimento de US\$ 10 milhões/ano (CR)

Paula Gonçalves



EMPREGO/ Linha de produção abriu vagas principalmente no segmento de pesponto, onde a mão-de-obra é escassa

CLÁUDIA RUSSO

A indústria calçadista de Birigüi registrou, nos dois primeiros meses do ano, um aquecimento atípico para o período. A produção cresceu pelo menos 20% em comparação a janeiro e fevereiro do ano passado, o que provocou a volta das contratações, numa época em que é comum demitir.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados de Birigüi, no mês passado foram abertas 150 vagas no setor, a maioria delas na linha de pesponto. "As indústrias voltaram a contratar motivadas pelo pequeno aquecimento das vendas", afirma o assessor de diretoria, Luiz Antônio Alves.

Outro termômetro de melhoria das vendas é que as empresas

não estão adotando o banco de horas. Pelo sistema, os trabalhadores são dispensados durante a queda da produção, mas continuam recebendo normalmente seus salários. Quando o crescimento volta, o funcionário retorna ao trabalho e recebe as horas que passou em casa. Conforme explica Alves, no ano passado a estratégia reduziu em 60% as demissões.

Os industriais não sabem exatamente o motivo do aquecimento. Eles acreditam numa série de fatores positivos para a economia, como a estabilização do dólar nos últimos me-

ses, resultados favoráveis da 27ª Couromoda, encerrada em janeiro último, e até em melhora no poder aquisitivo da população. "As vendas melhoraram, especialmente depois da Couromoda", disse o diretor administrativo e de exportação Daniel Filipini, da Tip Toe. Ele estimou em 20% o crescimento da produção em sua indústria.

Na Cal Life, a fabricação mais que dobrou. "Em janeiro de 99 produzimos 600 pares de sapatos por dia, hoje são 1.400", diz o diretor comercial Juliano Bergonci. O diretor

atribui o aquecimento aos negócios fechados na feira e também ao aumento do poder aquisitivo da população.

"Não sei exatamente o que aconteceu, mas o otimismo no setor é uma realidade", afirma o empresário Claudinei Galinari, da All Free. A produção na indústria dele cresceu media-

de 75% em relação ao mesmo período do ano passado.

O entusiasmo dos concorrentes, entretanto, não é compartilhado pela Klin. Na empresa, a maior do setor birigüense, a cautela supera as expectativas de crescimento. O diretor Carlos Alberto Mestriner prefere não comparar o desempenho de 99 e 2000. Para ele, o ano passado foi crucial para o setor e, por esse motivo, não serve de parâmetro. "Acreditamos em aquecimento, sim, mas moderado", afirmou.

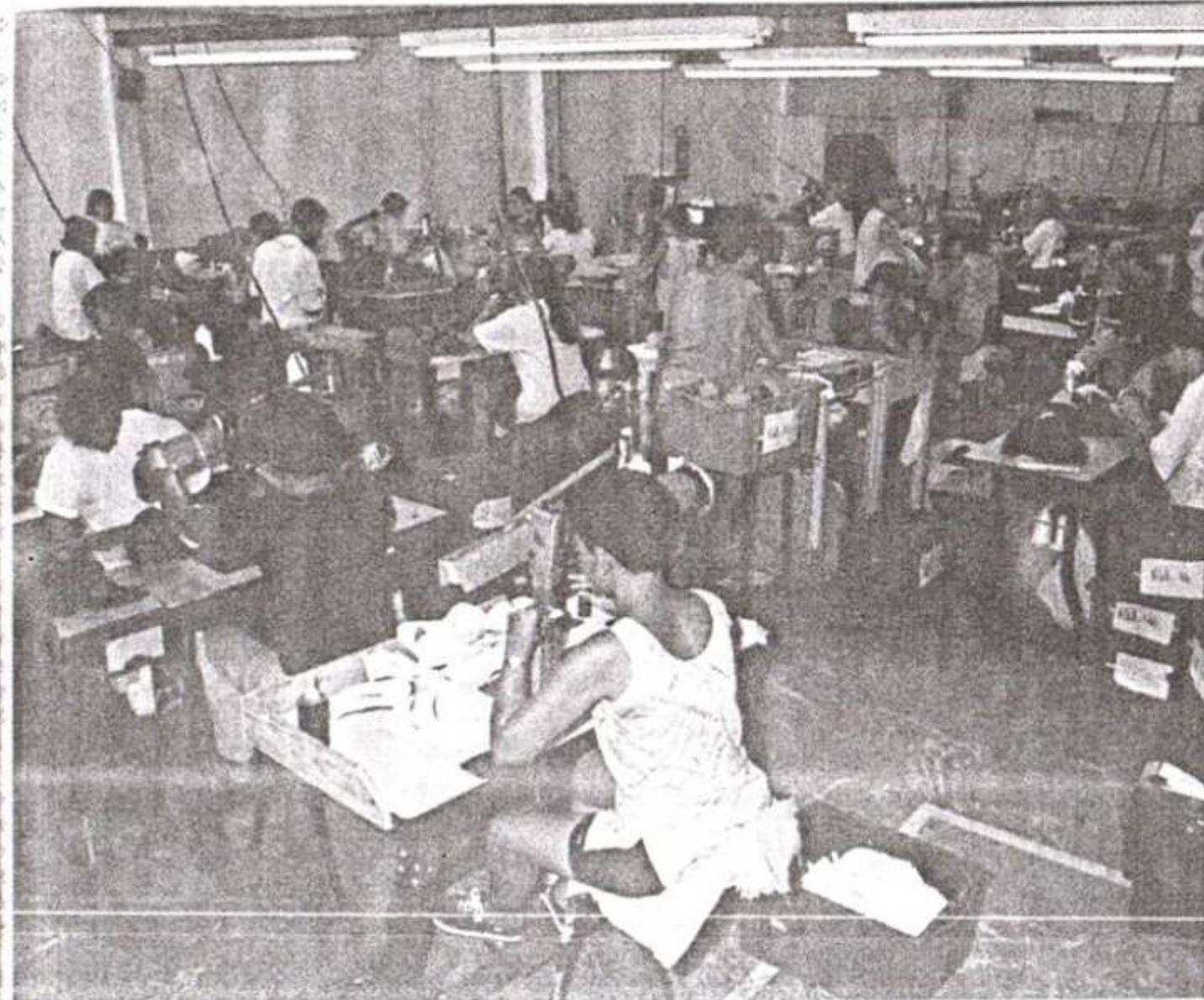
Mercado
150
novas vagas foram abertas no setor só no mês passado

BIRIGUI

CALÇADOS/ Empresas informais se legalizam e mudam relação com funcionários após dois anos de fiscalização do Sindicato dos Sapateiros

Sindicato força regularização no setor

Paulo Gonçalves



REGULAR/ A função de pespontadeira, que registrada ganha R\$ 260,00, é uma das mais exploradas pelo mercado clandestino

CLAUDIA RUSSO

Mais de 2 mil empregados do setor calçadista de Birigui conseguiram regularizar sua situação trabalhista nos últimos dois anos. A maioria atuava no mercado informal, sem qualquer respaldo legal. O benefício, que está mudando o perfil das relações trabalhistas na cidade, foi conquistado graças à fiscalização feita pelo sindicato dos Empregados das Indústrias de Calçados (Sindicato dos Sapateiros). O alvo têm sido as oficinas com funcionamento em fundo de quintal, as chamadas de bancas.

As bancas são compostas, geralmente, pelo dono da casa e mais ou menos dez pessoas atuando na área de pesponto. Elas recebem o serviço terceirizado de grandes e médias empresas.

Nesses pontos informais os sapateiros trabalham sem registro em carteira e ganham menos que o salário da categoria. O piso do setor calçadista é de R\$ 214. As pespontadeiras registradas ganham um pouco mais, R\$ 260. "É um ramo mais especializado", informa o assessor de diretoria Luiz Antônio Alves.

Entre 98 e 99 foram visitados 106 locais clandestinos. Depois da investida do sindi-

cato e da atuação, 80% das oficinas se transformaram em empresas regulamentadas pela lei da microempresa. Conforme explica a presidente do Sindicato dos Sapateiros, Milene Rodrigues, a fiscalização começa com uma denúncia, geralmente feita por ex-empregados. A partir do endereço, os diretores fazem a visita e recomendam a regularização.

A denúncia é feita aos ministérios do Trabalho e Público, por fraude aos direitos do trabalhador. Caso o dono da banca mude de endereço para confundir a fiscalização, a

responsabilidade passa a ser da empresa que contratou os serviços. "Temos casos de bancas que chegaram a mudar três vezes de endereço para escapar da atuação", conta Alves.

"O sindicato não é contra a ter-

ceirização de serviços, desde que não traga prejuízos aos direitos do trabalhador", defende Milene. A fiscalização é dividida entre três diretores, que visitam média de três bancas por dia.

O objetivo é zerar as irregularidades. Conforme levantamento feito pelo sindicato, há aproximadamente 13 mil trabalhadores do setor de calçados em Birigui. A estimativa é que ainda existam cerca de 1 mil atuando na informalidade.

Calçados

Mais de
2 mil

pessoas

foram

beneficiadas

ECONOMIA

Quinta-feira, 23 de março de 2000 ■ 3

da Região

BIRIGUI

Novo adesivo para o setor calçadista substitui o solvente químico por água

Indústrias podem adotar cola ecológica

CLÁUDIA RUSSO

Ag. Cardoso

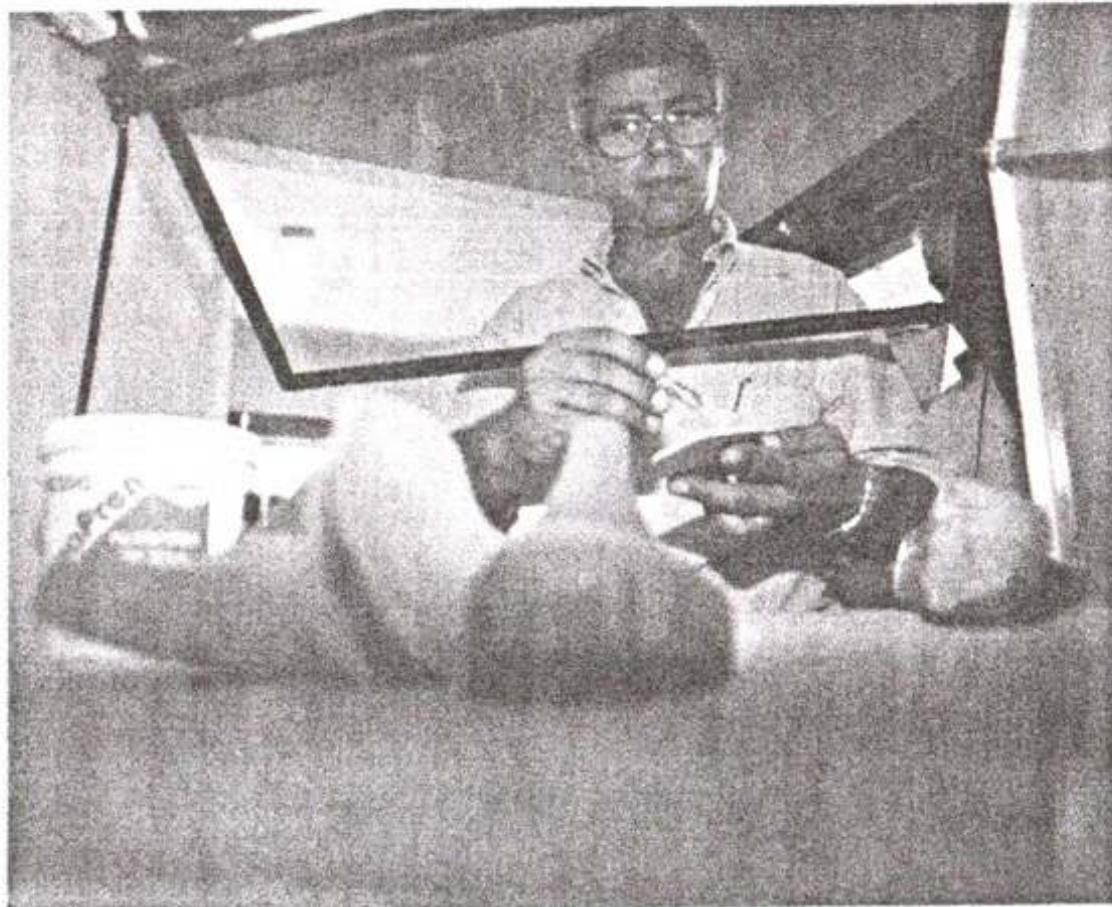
A indústria calçadista de Birigui pode adotar o adesivo à base de água em substituição à tradicional cola à base de solvente químico. O produto está no mercado nacional há dois anos, mas ainda é uma novidade na região.

O químico Orlando Valério Junior explica que a cola ecológica tem a mesma eficiência dos adesivos com soluções químicas, além disso, rende mais, é mais resistente ao amarelamento, é fácil aplicação e não danifica a matéria-prima, caso caia acidentalmente sobre o couro.

Um dos aspectos mais importantes, a cola ecológica é menos agressiva à saúde do trabalhador e ao meio ambiente. Sem os solventes, o adesivo não cria dependência química nas peças expostas ao produto por longo tempo.

Valério Junior é gerente de Engenharia de Aplicações da Cersol, empresa que fabrica a cola ecológica. Ele ressalta que o efeito do adesivo melhora muito utilizado com equipamentos especiais de secagem. Com essas máquinas foram sentadas ontem e estarão no showroom da Carl. O representante dos produtores das empresas Máquinas Metal Hecker e AIB.

Segundo a diretora comercial da Metal, Gudrun Michel, as máquinas e possível obtenção na colagem das solas e aparos. Para cola com este equipamento faz a colagem em 2 minutos e meio.



ECONOMIA/ Valério afirma que máquinas adequadas melhoram o resultado da cola ecológica

A cola com água fica seca em 4 minutos e meio. No processo natural (o calçado exposto ao ar) leva-se o triplo do tempo com qualquer adesivo.

QUALIDADE - O processo completo de secagem industrial é composto por quatro máquinas, que custam em torno de R\$ 20 mil no total. O sistema economiza mão-de-obra e otimiza espaço.

No método tradicional, os sapatos são colocados em estêncios, ocupando grandes espaços. As máquinas brasileiras,

fabricadas em Novo Hamburgo (RS), são exportadas para vários países da Europa. Os novos modelos estarão expostos na feira de Bolonha (Itália) no mês que vem e na Fimec (Feira de Máquinas para Calçados), a ser realizada de 15 a 18 de abril, em Novo Hamburgo.

Para o gerente de produção da Dona Calçados, Nilton Ventura, a grande vantagem da cola ecológica é que as máquinas melhoram a qualidade de vida do trabalhador. "Podemos dispensar o uso das máscaras, que são quase um trans-

torno para os operários", disse.

A cola à base de água custa R\$ 17,00 o quilo, três vezes mais cara que a tradicional. No entanto, os empresários vêem vantagens no investimento. "É mais cara, mas rende mais, economiza em equipamentos de segurança e em espaço para estoque. Na relação custo-benefício, a nova cola é vantajosa", afirma o diretor da Cerecal Calçados, Cristiano Ramos.

Birigui tem 170 fabricantes de calçados, que empregam 14 mil pessoas e produzem uma média de 200 mil pares por dia.

ARAÇATUBA

CONSUMO/ Nove Palios dão mesmo defeito

Proprietários reclamam de problema mecânico no Palio

Por pelo menos nove consumidores locais reclamam de problemas mecânicos com o Fiat Palio 1000, modelos 99 e 2000, a álcool. Os carros estariam dando defeito no motor e caixa de câmbio. Dos nove carros, quatro estão na garantia.

Os proprietários levaram as reclamações ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas, Farmacêuticas e da Fabricação de Alcool de Araçatuba e Região e devem protestar no Procon em breve. O próprio presidente do sindicato, José Roberto da Cunha, reclama do seu Palio. "Precisei recorrer à assistência técnica oito vezes". Com menos de dois meses de uso, o carro teve que ser rebocado quatro vezes. "Nem eles conseguiram fazer o carro pegar", ironiza.

Para o representante de

atendimento ao cliente da Fiat de Bauru, Edson Nagao, os problemas em Araçatuba são casos isolados e provocados por combustível de má qualidade. "Produzimos 1.800 carros por dia. Nove com problema é um número pequeno", desconversa. Ele não soube dizer porque só os modelos 1000 estariam tendo problemas com o combustível. A Fiat vai esperar notificação do Procon ou da Justiça para se posicionar sobre o assunto.

Uma das reclamações já chegou ao Procon. O órgão vai notificar a montadora e a revendedora para explicar o problema.

Os consumidores que tiverem problemas devem procurar o Procon, levando documentos do veículo, comprovante de passagem pela assistência técnica e relatório do caso, tudo em duas vias. (C.R.)

BIRIGUI

INDÚSTRIA/ Setor recupera ritmo e passa a vender mais dentro e fora do Brasil; alta do couro favorece a região

Calçadistas retomam ritmo de crescimento

Paulo Gonçalves



As exportações de calçados do parque industrial de Birigui cresceram 8% em relação ao ano passado. O mercado interno, ruim em 1999, também reagiu no primeiro quadrimestre deste ano e o setor empregou 5% a mais que no mesmo período do ano passado. Para época, tido como entressafra pelo sindicato dos Sapateiros, o índice é acima da média. O balanço oficial das exportações só sai em julho, mas estimativas do Sindicato das Indústrias de Calçados traçam um perfil otimista e confirmam crescimento de 8%, estimado no fim do ano passado.

Só na indústria Klin o percentual de exportação está 20% maior que no ano passado. Cerca de 28% dos 45 mil pares produzidos por dia são vendidos no Exterior. O aquecimento do mercado externo é creditado à qualidade dos produtos e à aceitação dos consumidores.

Além de atender ao mercado interno, os calçados biriguienses são exportados para países da América Latina. Menor cliente, a Argentina deve absorver 4,4 milhões de pares neste primeiro semestre. Do polo de Birigui, devem sair 700 mil destes pares. As 134 indústrias locais produzem 200 mil pares por dia.

As vendas também estão

aquecidas no mercado interno. Os motivos são a redução da oferta do couro e o encarecimento do produto no mercado. O preço do couro dobrou no último ano. O metro quadrado passou de R\$ 23 a R\$ 43. Como a maioria dos calçados biriguienses é fabricada em material sintético, a indústria ganha espaço e entra com o preço mais em conta.

Em algumas fábricas os pares de sapatos infantis custam de R\$ 7 a R\$ 8. Os mesmos modelos produzidos em couro custariam o triplo ou mais.

Com a reação do mercado interno, a fábrica Passo de Anjo aumentou em 48,6% a produção. A fabricação diária, que era de 3,5 mil pares, passou para 5,2 mil. Para o incremento foi necessário aumentar em 70% a contratação de mão-de-obra. Nos últimos quatro meses, o quadro cresceu de 313 para 493 trabalhadores. Em Franca, onde o forte é o couro natural, a indústria sofre os efeitos da alta e alega perdas.

A alta da oferta do couro é consequência de aumento de pelo menos 9% das exportações do produto. Na prática, os curtumes vendem para o Exterior a maioria da produção. O que sobra para o mercado interno é comercializado a preços altos, pagos pelo fabricante de calçados. (C.R.)

LINHA/ O polo de Birigui tem 134 indústrias e produz 200 mil pares por dia

REGIÃO

CALÇADISTAS/ Mesmo com a imposição de limite nas vendas para o mercado argentino, indústrias conseguem exportar sem sofrer restrições

Birigüi fura cota imposta por Argentina

HARLEN FELIX

Arquivo

A indústria calçadista de Birigüi ignora barreiras para exportar seus produtos à Argentina, apesar do acordo estabelecido entre a Câmara das Indústrias de Calçados daquele país e a Abicalçados (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados). O acordo impõe cotas-limite de exportação.

No primeiro semestre, as indústrias brasileiras estariam limitadas a exportar 4,4 milhões de pares de calçados. As vendas até abril totalizaram 3,5 milhões, segundo a Abicalçados. A previsão é de que as exportações de maio e junho extrapolem o limite e sem problemas na alfândega.

O setor calçadista de Birigüi exporta 440 mil pares por mês. O montante representa 10% da produção diária, de 200 mil pares. Mesmo com o limite nas cotas, as exportações acontecem dentro das expectativas das indústrias.

O diretor comercial da Tip Toe, José Luiz Fernandes, informou que nenhum problema foi registrado até agora com as exportações para os argentinos. Conforme ele, a alfândega não exige o certificado de habilitação, que traz o limite de cotas de cada empresa. "Não sei como o produto será barrado, pois a Câmara de Calçados é um órgão privado e quem faz a fiscalização na alfândega é o governo. Existem interferências diferentes na situação."

A Tip Toe não segue os limites de sua habilitação para vender seus calçados aos argentinos. "Se a Argentina quiser criar uma barreira, terá de utilizar outro recurso". Por outro lado, Fernandes destacou que a crise econômica que afeta a Argentina não viabiliza um crescimento no mercado.

A cada o outra indústria que não sentiu os efeitos das cotas. De acordo com o supervisor de exportações, Alex Sandro Ratto,

